

2 — 10/3/91 — GAZETA DE PINHEIROS

**P**INGA FOGO

## Uma guerrilha muito estranha

Fernando Perrone



Esta história da “guerrilha colombiana” é, pelo menos, muito estranha. Defasada no tempo e na oportunidade, uma série de movimentos auto-intitulados “guerrilheiros” — a designação tem sido reforçada pela Imprensa — vêm durando há anos em países como a Colômbia. O curioso é que estes movimentos florescem exatamente onde há tráfico de drogas, de pedras preciosas ou interesses muito pouco claros, genericamente chamados de “garimpeiros”.

É fato inegável que os movimentos “guerrilheiros” de países como a Colômbia têm laços com o tráfico de drogas. As siglas importam pouco, até porque nenhum deles tem o caráter, no mínimo romântico, dos tempos de Che Guevara.

Agora surgem choques com as Forças Armadas brasileiras e o assunto torna-se preocupante, na medida em que começam a morrer soldados, compatriotas. Não há dúvidas que as Forças Armadas devam mandar reforços para a região, até porque é a primeira vez, em muito, muito tempo, que elas atuam dentro de sua missão original e constitucional: defender nossas fronteiras.

Está claro que os setores militares mais cavernícolas desejam restringir a designação destes bandos armados a uma simples guerrilha. Se for verdade, estes insanos devem ser mantidos longe de nossas fronteiras.

O problema é que isto ocorre numa região onde existem garimpos. Sabemos que o problema do garimpo é extremamente complexo. Não deve ser reduzido a homens que são vítimas da “febre do ouro” e criam um mundo sem lei. O garimpeiro individual, isolado, é uma espécie em extinção. Há grupos, cada vez mais organizados e poderosos, que dedicam-se ao assunto. Então perguntamos: se há inequívocas vinculações entre a “guerrilha” e a máfia da droga, por que não ocorreria o mesmo com os garimpos, que poluem a natureza e cometem seguidos genocídios entre os indígenas? Quando morrem soldados brasileiros, que prestam serviço à Nação nos confins da Amazônia, devemos prestigiar a ação das Forças Armadas. Mas estas, de seu lado, devem assumir todas as hipóteses, principalmente a de combater interesses que nada têm a ver, no final da linha, com a guerrilha.

Está na hora, pois, de aclarar o que ocorre nesta parte do Brasil. Há pouco tempo, no que o Itamaraty chamou de “simples retificação de fronteiras”, cedeu-se alguns milhares de quilômetros quadrados à Venezuela. A Imprensa falou em zona de extração mineral, mas a questão foi esquecida. À época, o petróleo estava em alta...

Nossos militares falam em reforçar o projeto Calha Norte. Ao contrário de grande parte das esquerdas, não temos nada contra o estabelecimento de nossas Forças Armadas em zona do território nacional que é alvo da cobiça internacional. Talvez seja uma oportunidade a mais de unir civis a militares na defesa dos indígenas e do meio ambiente. Mas é preciso uma discussão que torne o assunto transparente. Também não vemos com muita confiança a postura da Igreja, uma instituição multinacional, que usa sua ala esquerda para ter direitos que nega às Forças Armadas. Até mesmo porque, desde o Território das Missões, a Igreja teve uma postura muito especial na América do Sul. Sem se falar na devastação cultural que a chamada “catequese” promoveu entre os indígenas, desde a chegada dos colonizadores. Tudo isto deve ser visto e discutido sem preconceitos.